

EDUCAÇÃO SEXUAL E O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Helen Cristiane da Silva Theodoro¹
Carolina Severino Lopes da Costa²

RESUMO

O processo de desenvolvimento da identidade está inserido aos conjuntos de fatores que compõem a sexualidade humana. Sobre este aspecto, a identidade pode ser considerada como a junção de elementos de inclusão e/ou exclusão dos indivíduos diante do meio. Envolvendo diversas variáveis (família, deficiências, gênero, orientação sexual etc.), para o desenvolvimento da identidade, seria necessário que todas as pessoas tivessem acesso ao máximo de informações referentes a cultura a que se está inserido, o que pode ser feito pela educação sexual. Considerando isso, pessoas com deficiência visual podem ter um déficit no desenvolvimento da identidade, haja vista que dependem de outros recursos para captar as informações necessárias ao seu desenvolvimento e formação da sua identidade. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi averiguar como a educação sexual está sendo realizada para as pessoas com deficiência visual e como isso interfere no desenvolvimento da identidade dessas pessoas. Participaram da pesquisa 10 jovens-adultos/os com deficiência visual, que responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado. Os resultados apontaram haver um déficit nos processos educacionais direcionados a este público, o que impacta diretamente no desenvolvimento da identidade das pessoas com deficiência visual. Ademais, a pesquisa apontou que família e escola devem estar em consonância para a realização da educação sexual, pois, geralmente, são os ambientes em que as pessoas com deficiência visual mais frequentam e, conseqüentemente, tem mais impacto sobre o desenvolvimento da identidade delas. Contudo, considera-se fundamental que a educação sexual seja ofertada de maneira efetiva às demandas de pessoas com deficiência visual, haja vista que terá impacto direto no desenvolvimento da identidade dessas pessoas.

Palavras-chave: Educação Especial, Educação Sexual, Deficiência Visual, Identidade.

INTRODUÇÃO

A sexualidade, sendo uma área ímpar para o desenvolvimento global do ser humano, continua a ser um tema tabu, especialmente quando se considera a sexualidade e a educação sexual para pessoas com deficiência. Muitas vezes, mitos e preconceitos associados a essas pessoas podem complicar ainda mais a discussão desse assunto, o que pode interferir diretamente em toda identidade dessas pessoas. É fundamental reconhecer que o

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, helenstheodoro@gmail.com;

² Orientadora da Pesquisa – Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, carollina_costa@yahoo.com.br;

desenvolvimento humano é um processo contínuo e complexo, no qual a sexualidade desempenha um papel integral.

Quando a deficiência visual é considerada junto ao desenvolvimento da sexualidade, é essencial evitar que essa variável se torne um obstáculo para a experiência sexual desses indivíduos. Geralmente, na esfera familiar e social, a deficiência visual é automaticamente vinculada a um possível impedimento no desenvolvimento da sexualidade (Bruns, 2017), e isso afeta diretamente na identidade dessas pessoas que passam a serem reconhecidas apenas pela sua deficiência. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi averiguar como a educação sexual está sendo realizada para as pessoas com deficiência visual e como isso interfere no desenvolvimento da identidade dessas pessoas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação sexual desempenha um papel de extrema importância na vida de todas/os, mas para indivíduos com deficiência, especialmente os que possuem deficiência visual, desempenha uma função significativa ao fornecer recursos para compensar a falta de acesso às informações visuais. Por exemplo, enquanto jovens-adultas/os normovisuais têm diversas maneiras de estabelecer comunicação predominantemente visual, como na dinâmica da paquera (através de contatos visuais e expressões não verbais que são típicas desse interesse afetivo), as pessoas com deficiência visual tem de buscar outras maneiras de estabelecerem seus relacionamentos.

Nesse contexto, é essencial oferecer uma educação sexual de alta qualidade para promover um desenvolvimento mais assertivo da sexualidade para pessoas com deficiência visual. Isso se torna ainda mais considerável, já que a falta desse aspecto visual demanda que tanto a família quanto a escola forneçam informações detalhadas e adaptadas especificamente para esses indivíduos (Jablan; Sjeničić, 2021). Não basta apenas que eles se desenvolvam de maneira independente e autônoma; sem uma educação sexual completa, podem surgir lacunas nos relacionamentos interpessoais, afetivos e sexuais, afetando também o desenvolvimento da identidade, especialmente na fase adulta. A ausência desse tipo de educação pode expor essas pessoas a situações de abuso e desconforto, tornando-as menos capazes de lidar com as complexidades do comportamento e das habilidades sociais. Portanto, a educação sexual é fundamental para garantir o pleno desenvolvimento da identidade sexual e corporal das pessoas com deficiência, proporcionando-lhes ferramentas essenciais para uma vida plena e segura (Theodoro, 2022).

A relação entre deficiência visual e educação sexual deve ser contextualizada dentro do conceito de identidade. As identidades, enquanto construções sociais, culturais e políticas, se formam em relação às interações na vida cotidiana, estabelecendo diferenças em relação à alteridade. Conforme Hall (2012), as identidades atuam como ponto de identificação e exclusão, moldando nossa subjetividade. Por isso, o processo de construção das identidades é complexo e contínuo, envolvendo diversas variáveis, incluindo a deficiência. Ademais, é preciso compreender as identidades sociais e sexuais, pois influenciam diretamente o desenvolvimento das pessoas com deficiência e suas experiências na sexualidade (Pereira, 2015).

As identidades sociais são moldadas pelo contexto socio-histórico em que nascemos e crescemos (Theodoro, 2022), enquanto as identidades sexuais abrangem as múltiplas expressões da sexualidade humana, como desejos, corpo, gênero, orientação sexual e afetos (Theodoro, 2022). É importante ressaltar que as identidades sociais e sexuais se entrelaçam. Desde o nascimento, uma criança é atribuída uma identidade social e sexual com base em fatores como genitália, nome, vestimentas, brinquedos e educação. Ao longo dos anos, o ambiente familiar e escolar reforça essas identidades, direcionando a pessoa para os padrões normalizados culturalmente (Defendi, 2017; Maia, 2019).

Quando alguém nasce com deficiência visual (cegueira congênita) ou a adquire ao longo da vida, suas identidades sociais e sexuais são influenciadas pela compreensão cultural da deficiência. O termo "deficiência" carrega estigmas e preconceitos, afetando a construção dessas identidades, o que difere significativamente do processo de alguém sem deficiência (Sá; Campos; Silva, 2007). Na infância, a família é o primeiro contato da pessoa com o mundo. A cultura, linguagem e comportamentos são transmitidos pelos pais ou responsáveis, moldando suas identidades através da educação direta ou indireta. A forma como a família trata a pessoa com deficiência visual na infância influencia suas identidades sociais e sexuais: escolha de roupas, autonomia, instrução sobre autocuidado e relacionamentos. Superproteção, infantilização ou falta de estímulo à autonomia podem impactar negativamente em todo esse processo (Silveira, 2009).

Na adolescência, é necessário que os pais ou responsáveis abordem temas específicos e adequados às necessidades de suas filhas/os, incluindo as mudanças corporais e questões subjetivas como orientação sexual, expressões de gênero e relacionamentos afetivos e sexuais. As informações transmitidas durante a infância e adolescência moldam as atitudes na vida adulta, pois nesse período a pessoa depende do repertório que já possui para se inserir na sociedade (Silveira, 2009). A deficiência visual influencia nesse processo, já que a observação do ambiente é fundamental para compreendermos a nós mesmos, desenvolvendo nossas

condutas e escolhas, construindo nossas identidades. Portanto, a ausência do sentido da visão priva as pessoas com deficiência visual de certos recursos e informações, afetando seu desenvolvimento (Pinel, 1999).

Louro (2000, p. 16) destaca que "distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais". Embora a família seja o primeiro contato com o mundo, são as interações sociais que moldam e alteram as identidades. Maia e Ribeiro (2010) argumentam que o desenvolvimento e a construção da sexualidade são compreendidos através das práticas culturais. Isso inclui considerar concepções socialmente estabelecidas, como as configurações de masculino e feminino, gênero, padrões de comportamento, vestimenta e a influência da heteronormatividade no desenvolvimento das identidades.

O preconceito em relação à deficiência pode limitar a pessoa a ser reconhecida apenas por essa característica (Silva, 2006), prejudicando a expressão plena de sua sexualidade e desenvolvimento da identidade social e sexual. Dessa forma, a educação sexual é essencial para o desenvolvimento global e para garantir a cidadania das pessoas com deficiência visual. No entanto, surgem questões práticas: como promover a educação sexual? Quais tópicos abordar e em qual idade iniciar? Qual o papel da escola e da família nesse processo? Como ensinar sobre sexualidade para pessoas com deficiência? Quais adaptações são necessárias para indivíduos com deficiência visual?

Essas perguntas são frequentes para pais, responsáveis e professores, que têm a responsabilidade de fornecer ensino sobre esses conteúdos fundamentais para o desenvolvimento humano, principalmente quando se trata de pessoas com deficiência visual. Como mencionado anteriormente, a família geralmente é o primeiro agente nesse processo, seguida pela escola e outras instituições sociais (Louro, 2000; Maia, 2011).

Diante desse panorama, a escola deve ser reconsiderada como um espaço crucial para o desenvolvimento, valorizando a diversidade das expressões humanas e garantindo que, para além dos temas já abordados no currículo atual, sejam considerados outros aspectos do desenvolvimento psicossocial, incluindo recursos e práticas pedagógicas que ofereçam educação sexual adequada a todos, considerando suas particularidades. Além das ações políticas e legislativas que visam tornar obrigatória a educação sexual nas escolas, outros aspectos precisam ser levados em consideração. Figueiró (2020) amplia o conceito de educação sexual, argumentando que não se restringe apenas aos conteúdos planejados pelo professor em sala de aula com elementos visuais; ao contrário, a educação sexual permeia os diversos

momentos e contextos das interações sociais, com todos os indivíduos sendo agentes ativos nesse processo, em família, na escola, com amigos, etc.

Maia (2019) ressalta o crescente reconhecimento social da importância da educação sexual para o desenvolvimento das pessoas com deficiência, a promoção de maior conhecimento para pais, responsáveis e professores, além de difundir discussões para combater preconceitos. Os estigmas em torno da sexualidade das pessoas com deficiência enfatizam que a educação sexual é não apenas um caminho, mas um direito a ser garantido para todos na educação especial.

Outro ponto crucial é o momento apropriado para iniciar o ensino sobre sexualidade. Pesquisas apontam a importância de começar a educação sexual desde a infância, embora não signifique abordar todos os temas, mas sim ampliá-los e responder às dúvidas de acordo com cada fase do desenvolvimento (Bruns, 2008, 2017; Kelly et al., 2015; Maia, 2019; Pinel, 1999). No entanto, é essencial que os educadores em geral (família, escola, cuidadores) possuam conhecimento e recursos para promover a educação sexual. Mas, como fazer isso considerando as especificidades individuais, especialmente daqueles com deficiência visual?

Pessoas com deficiência visual frequentemente têm dificuldade de comunicação, especialmente na ausência de diálogo familiar e acesso a informações não verbais, o que pode afetar seu processo de aprendizagem (Maia, 2019). A falta de visão dificulta a construção de representações subjetivas, autoimagem, compreensão da estrutura corporal e conhecimento anatômico, afetando os processos psicossociais da sexualidade (Maia, 2019, p. 235). Isso pode levar a uma lacuna educacional sobre sexualidade, pois a pessoa com deficiência visual (na infância, adolescência e idade adulta) precisa reunir informações fragmentadas das interações interpessoais.

Um estudo sobre a sexualidade de pessoas com deficiência visual realizado por Defendi (2017) ressalta a importância de considerar as dificuldades de acesso a informações sobre sexualidade. Portanto, um programa de educação sexual para esse público deve considerar diversos elementos. Primeiramente, as nuances da deficiência visual, que variam em grau e capacidade de leitura do ambiente e aquisição de informações. Por exemplo, uma pessoa com baixa visão pode ter melhores condições para captar informações do que alguém sem qualquer visão. Isso altera significativamente o acesso a materiais informativos e a vivência das relações interpessoais. Além disso, é essencial fornecer recursos e materiais que apoiem o aprendizado, como audiodescrição de filmes e imagens, modelos anatômicos e próteses realistas, materiais em braille, atividades com texturas variadas, bonecos, materiais em áudio e acesso a métodos

contraceptivos (camisinhas, DIU, diafragma, anel vaginal etc.). Esses recursos contribuem para uma educação sexual mais inclusiva e eficaz.

É importante compreender que um dos principais meios de aprendizagem para pessoas com deficiência visual é o sentido do tato. Explorar e sentir diversas formas e texturas presentes no ambiente e no corpo humano é fundamental para a construção de imagens mentais e conceitos relacionados à sexualidade - por exemplo, discernir diferenças anatômicas (Bruns, 2017; Maia, 2019). Pinel (1999) destaca que, devido à falta de acesso a recursos e materiais táteis, pessoas com deficiência visual podem desenvolver uma compreensão distorcida da realidade. Assuntos como tamanho e forma dos genitais, ereção e menstruação podem ser interpretados de maneira equivocada ao longo do desenvolvimento da sexualidade.

É preciso recordar que a educação sexual não abrange apenas questões fisiológicas do corpo humano; ela também abarca a construção das identidades sociais e sexuais, influenciadas por várias variáveis socioculturais. Ao formarmos nossas identidades, estamos constantemente absorvendo diferentes formas e subjetividades presentes no ambiente. Portanto, é fundamental oferecer às pessoas com deficiência visual uma educação sexual que aborde tanto aspectos concretos, como diferenças anatômicas, quanto aspectos mais abstratos, como conceitos de beleza, erotismo, atração, afeto, paquera, noções de gênero e orientação sexual (Bruns, 2008; Maia, 2019; Morgado et al., 2019).

A falta de acesso a informações presentes no ambiente pode resultar em diversas formas de violência contra os corpos das pessoas com deficiência visual (Souza et al., 2016). Por isso, a educação sexual para esse grupo deve ampliar conhecimentos, ensinar habilidades sociais, permitir a interpretação de sinais presentes no ambiente (como distinguir o silêncio ou o sorriso), entender as diversas formas de toque, entre outros aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento psicossocial e a sexualidade dessas pessoas (Maia; Del Prette; Freitas, 2008).

Estudos indicam que a ausência de educação sexual para pessoas com deficiência visual pode acarretar várias consequências no processo de desenvolvimento, especialmente para aquelas com cegueira congênita (Cozac; Pereira; Castro, 2016; Kelly; Kapperman, 2012; Kapperman; Kelly, 2013). A falta de educação sobre sexualidade pode levar a conceitos distorcidos sobre a própria identidade, afetando diretamente o desenvolvimento das identidades sociais e sexuais (Morgado et al., 2019; Salehi et al., 2015).

Portanto, é fundamental que a educação sexual para pessoas com deficiência visual comece desde a infância, a fim de permitir que expressem sua sexualidade de maneira saudável e possam desenvolver relações interpessoais afetivas e/ou sexuais satisfatórias. Sem a

capacidade visual, as pessoas com deficiência visual precisam saber identificar sinais de abuso, perigo e paquera, além de entender comportamentos apropriados e ambientes adequados para expressar sua sexualidade (Czerwińska, 2018; Ubisi, 2020).

A abordagem da educação sexual precisa se adequar às necessidades dessas pessoas, considerando que seu estilo de aprendizagem difere do de seus pares sem deficiência ou com outras condições médicas (Bruns, 2017). Destaca-se que pessoas com deficiência visual costumam ser bastante assistidas pelos pais e/ou responsáveis nos primeiros anos de vida, o que pode impedir o desenvolvimento da sexualidade e identidade (Pinel, 1999). A sensação de serem observadas e a incapacidade de captar informações visuais do ambiente podem resultar na não manifestação da sexualidade, falta de autoconhecimento e compreensão limitada sobre o corpo e a sexualidade (Defendi, 2017; Maia, 2019).

Diante do exposto, compreende-se que a falta de educação sexual assertiva e a própria pessoa estigmatizada pode incorporar determinadas representações sociais e, assim, não conseguir manifestar sua sexualidade e identidade social e sexual. Neste sentido, o processo de construção das identidades está concatenado com o desenvolvimento da sexualidade.

Para os indivíduos com deficiência visual, este processo será construído, em um primeiro momento, considerando as questões do macrocontexto social, cultural e histórico. O modo como a sociedade trata a deficiência e o “ser deficiente” (com estigmas, mitos, preconceitos, discriminação, ausência de políticas públicas, invisibilidade) influencia o processo global do desenvolvimento. Sendo assim, averigua-se a necessidade em conhecer e compreender melhor sobre o processo educacional sobre sexualidade para pessoas com deficiência visual e o desenvolvimento da identidade social e sexual dessas pessoas.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada teve como principal objetivo investigar a educação sexual recebida por jovens-adultos com cegueira congênita. Ela seguiu uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, conforme descrito por Marconi & Lakatos (2017). O Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos aprovou o estudo com o parecer favorável de número CAEE: 39863720.8.0000.5504.

Participaram do estudo 10 jovens-adultos com deficiência visual, sendo seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino, todos com cegueira congênita. Apenas um participante possuía Ensino Médio completo, enquanto os demais tinham Ensino Superior completo.

O recrutamento dos participantes ocorreu por meio de uma instituição especializada no atendimento a pessoas com deficiência visual, localizada em uma cidade do interior de São Paulo. Essa instituição facilitou o contato com potenciais participantes, aos quais foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada, agendado previamente.

A coleta de dados foi realizada no ano de 2021, e todos os protocolos de saúde referentes à pandemia de COVID-19 foram seguidos. Como a coleta de dados foi feita online, pessoas de diferentes estados brasileiros puderam participar, incluindo São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. A análise dos dados foi conduzida utilizando a análise de conteúdo proposta por Franco (2021). Após a transcrição das falas dos participantes, os discursos foram lidos e identificados, estabelecendo os temas relacionados à pesquisa. O eixo principal de análise concentrou-se na educação sexual e desenvolvimento da identidade em jovens-adultos com deficiência visual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relato dos participantes evidenciou que, em geral, as informações sobre desenvolvimento da sexualidade não foram obtidas através de seus pais ou responsáveis, os quais parecem ter delegado essa questão a terceiros, como outros membros da família, escola ou amigos. Essa falta de orientação direta dos pais pode impactar negativamente o desenvolvimento da sexualidade e identidade das pessoas com deficiência visual, conforme discutido previamente (Silveira, 2009; Bruns, 2017). A ausência de um diálogo aberto sobre sexualidade pode refletir preconceitos enraizados, como a crença de que pessoas com deficiência visual são assexuadas ou incapazes de estabelecer relacionamentos amorosos (Maia, 2019).

As informações fornecidas pelas/os participantes também apontam que, na escola, a abordagem sobre educação sexual foi mais frequente, principalmente para aquelas/es que estudaram em instituições especializadas no ensino de pessoas com deficiência visual. Esses locais ofereciam recursos específicos, como maquetes, bonecos e métodos contraceptivos, tornando o ensino mais acessível e eficaz. No entanto, para aqueles/as que frequentaram escolas comuns, as informações fornecidas eram predominantemente teóricas e não adaptadas às suas necessidades específicas. Isso realça a importância das escolas especializadas no ensino para pessoas com deficiência visual, que se mostraram mais eficientes na educação sexual, empregando recursos que atendem às necessidades específicas dessas/es alunas/os (Bruns, 2017; Maia, 2019).

É notável que, mesmo diante das diferenças na abordagem da educação sexual entre escolas especializadas e regulares, todas/os as/os participantes destacaram a importância de uma educação mais didática e menos influenciada por preconceitos ou tabus, o que reforça a necessidade de programas educacionais que se concentrem no desenvolvimento global da sexualidade desde a infância, adaptados às demandas de cada fase do desenvolvimento e, que envolvam tanto a família quanto a escola em todo processo (Jablan; Sjeničić, 2021).

É preocupante que a maioria dos/as participantes tenha identificado a falta de comunicação e educação sobre sexualidade por parte dos pais ou responsáveis, atribuindo as "falhas" no desenvolvimento da sua sexualidade à falta de diálogo familiar. Isso pode ter impactos significativos no desenvolvimento das habilidades sociais dessas pessoas na fase adulta, comprometendo sua plena integração social e o entendimento das próprias identidades social e sexual (Pereira, 2015).

Os dados obtidos revelam que o conhecimento sobre a deficiência visual, especialmente a deficiência visual congênita, não parece ter influenciado diretamente a construção e o desenvolvimento da identidade social das/os participantes. Entretanto, observa-se que à medida que a deficiência começa a afetar as interações sociais e as atividades diárias, ela pode passar a exercer um impacto significativo na formação da identidade social. Um ponto relevante é que a deficiência visual parece se tornar mais saliente à medida que as interações sociais aumentam, especialmente na transição da infância para a adolescência. Esse processo pode refletir a complexidade da construção da identidade, onde ao nascer com a deficiência visual, a pessoa incorpora desde cedo diversos elementos em sua identidade, porém, ao longo do tempo, pode ser que a deficiência passe a ser a característica mais marcante e reconhecida pela sociedade ao redor (Sá; Campos; Silva, 2007).

Assim, a percepção sobre a deficiência visual e seu impacto na identidade social parece ser influenciada pelas interações sociais ao longo do desenvolvimento. É relevante a compreensão dos conceitos relacionados à deficiência e como eles podem influenciar as ações sociais, sobretudo no que se refere ao reconhecimento e à identificação da pessoa com deficiência por sua singularidade além da condição visual. Apesar do tamanho reduzido da amostra, o estudo oferece uma perspectiva valiosa sobre a necessidade de uma abordagem ampla e inclusiva para a educação sexual de pessoas com deficiência visual. Destaca-se a importância de considerar todos os agentes envolvidos nesse processo, enfatizando a relevância da educação sexual para melhorar a qualidade de vida, desenvolvimento das identidades e a participação plena dessas pessoas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como foco averiguar como a educação sexual está sendo realizada para as pessoas com deficiência visual e como isso interfere no desenvolvimento da identidade dessas pessoas. A interação entre a deficiência visual e a sexualidade é um tema complexo e muitas vezes negligenciado, marcado por preconceitos e tabus que afetam a compreensão e o desenvolvimento saudável da sexualidade das pessoas com deficiência visual.

A pesquisa revelou a persistência de estigmas e discriminações associados à deficiência visual, especialmente quando se trata do desenvolvimento da identidade e sexualidade dessas pessoas. Além disso, a sexualidade permanece como um tema rodeado por tabus na sociedade em geral, o que torna mais desafiador implementar programas educacionais ou ações direcionadas à educação sexual para pessoas com deficiência visual. Essa conjunção de fatores cria barreiras para o desenvolvimento saudável da sexualidade desses indivíduos e destaca a necessidade premente de abordagens mais inclusivas e sensíveis a essa realidade.

Entender essa interação entre deficiência visual e sexualidade se torna fundamental para implementar programas educacionais e sociais que considerem as necessidades específicas dessas pessoas, oferecendo suporte adequado para que elas possam desenvolver uma sexualidade saudável e se integrar plenamente na sociedade, superando estigmas e preconceitos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio financeiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRUNS, Maria Alves de Toledo. Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos – ontem e hoje. **Benjamin Constant**, nº 17, 2017, p. 1-11. Disponível em: Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos - ontem e hoje | Benjamin Constant (ibc.gov.br). Acesso em: 09 ago. 2021.

_____. **Sexualidade de cegos**. Editora Átomo, Campinas/SP, 2008. Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/txt-sexualidade_de_cegos-MAT_Bruns.htm#Necessidades_do_deficiente_visual. Acesso em: 30 ago 2020.

COZAC, Mariana Crisci; PEREIRA, Andrea Ruzzi; CASTRO, Shamyryl Sulyvan. Concepção de sexualidade entre pessoas com deficiência visual. **Cad. Edu. Saúde e Fis.** 2016/2, v. 3, n. 6. 2016. p. 13-19. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/df2b/3fe36fd963c048bdb319274bd3f5edf03c0e.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

CZERWIŃSKA, Kornelia. Psychosocial aspects of sexuality in adolescents with visual impairments. *Szkoła Specjalna. The Central European Journal of Social Sciences and Humanities*. vol. 79, n° 2, 2018, p. 91-101. Disponível em: <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.ceon.element-1405585e-da76-3cfb-bdf8-376ae282a35a>. Acesso em: 22 mar. 2021.

DEFENDI, Edson Luiz. Sexualidade e Deficiência visual: uma proposta de educação inclusiva. **Caminhos da Inclusão**, 2017. Disponível em: <https://caminhosdainclusao.cedaps.org.br/2017/06/29/sexualidade-e-deficiencia-visual-uma-proposta-de-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 15 set. 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. 2ª ed. ver., atual. Ampl., Londrina, Eduel, 2020a, Livro Digital, 185 p.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Autores Associados, 2021, 96 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2012.

JABLAN, Branka; SJENIČIĆ, Marta. Sexuality and sexual health of the population with disabilities, with special reference to people with visual impairment. **Stanovništvo**, 2021, p. 1-18. Acesso em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/0038-982X/2021%20OnLine-First/0038-982X2100001J.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

KAPPERMAN, Galey; KELLY, Stacy M. Sex Education Instruction for Students Who Are Visually Impaired: Recommendations to Guide Practitioners. **Journal of visual impairment & blindness**. vol 107, n 3, p. 226-230, mai-jun. 2013. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1008214>. Acesso em: 05 set. 2020.

KELLY, Stacy M.; *et al.* Looking back at the service delivery models of sex education in the United States: Adults with visual impairments report on their experiences. **British Journal of Visual Impairment**. vol. 33(2), p. 138-145. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276509509_Looking_back_at_the_service_delivery_models_of_sex_education_in_the_United_States_Adults_with_visual_impairments_report_on_their_experiences. Acesso em: 05 set. 2020.

KELLY, Stacy M.; KAPPERMAN, Galey. Sexual Activity of Young Adults who are Visually Impaired and the Need for Effective Sex Education. **Journal of Visual Impairment & Blindness**. 106 (9), 519-526. 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0145482X1210600903#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 15 set. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. (*org*). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo, Ed. Unesp Digital, Livro Digital, 2019, 322 p.

_____. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 6, n. 3, p. 90-101, mai. 2011. ISSN 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5004>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, mai. – ago., 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 ago. 2020.

- MAIA, Joviane Marcondelli Dias; DEL PRETTE, Almir; FREITAS, Lucas Cordeiro. Habilidades sociais de pessoas com deficiência visual. **Rev. bras. ter. cogn.**, v.4, n° 1, Rio de Janeiro, 2008, p. 1-13. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000100005. Acesso em: 06 mai. 2021.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7ª ed., São Paulo, Atlas, Livro Digital, 2017, 361 p.
- MORGADO, Fabiane Frota da Rocha; *et. al.* Implicações da Cegueira Congênita na Imagem Corporal: Uma Revisão Integrativa. **Psic.: Teor. e Pesq.**, vol. 35, 2019, p. 1-10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Jdq8g7NLtpg9GMZPqVdxmpx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- PEREIRA, Anderson Siqueira. Avaliação das Habilidades Sociais e suas relações com fatores de risco e proteção em jovens-adultos brasileiros. 2015. 81 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/130477>. Acesso em: 04 set. 2020.
- PINEL, Arletty Cecilia. Educação Sexual para pessoas portadoras de deficiências físicas e mentais. In: RIBEIRO, Marcos (Org.), **O Prazer e o Pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**, 2. p. 211-226, São Paulo, Gente: Cores, 1999.
- SÁ, Elizabeth Dias; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina., **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual**. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado, Ministério da Educação e Cultura/MEC, Secretária de Educação Especial/SEESP, Secretária de Educação à Distância/SEED, Brasília/DF, Gráfica e Editora Cromos, Curitiba/PR, 2007, 207 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.
- SILVA, Luciene M. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PHRtMWsRczTyhHHfLfQ3Csj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2020.
- SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Deficiência Visual: Fundamentos e Metodologias**. Centro Universitário Leonardo da Vinci, Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2009, 130 p. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=30545>. Acesso em: 03 mai. 2020.
- SOUZA, Marina Pereira; *et. al.* Habilidades sociais, interação social e a inclusão escolar de uma criança cega. **Revista Educação Especial**, vol. 29, n.º 55, 2016, p. 323-336. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313146769006.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.
- THEODORO, Helen Cristiane da Silva. Sexualidade de jovens-adultas/os com deficiência visual. 2022. 145 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16228>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- UBISI, Lindokuhle. Addressing LGBT+ issues in comprehensive sexuality education for learners with visual impairment: guidance from disability professionals. **Sexuality, Society and Learning**, vol. 21, 2020, p. 1-17. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/14681811.2020.1803058?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 20 jan. 2021.